



Renato Faleiros
de São Paulo

Um poderoso esquema político-empresarial está em marcha em São Paulo nesta reta final da campanha. É um esquema montado pacientemente, ao longo das últimas quatro semanas, em torno de um único candidato presidencial capaz de representar, na opinião de empresários da indústria, do comércio e da agropecuária do Estado mais rico do País, "a continuidade da transição política sem traumas" e o início da "implantação de um capitalismo moderno" no Brasil. Este candidato é Fernando Collor de Mello.

Desde a ascensão do liberal Afif Domingos nas pesquisas, há pouco mais de um mês, entidades como a poderosa Fiesp — Federação das Indústrias do Estado de São Paulo — passaram a estudar com grande atenção o fenômeno da divisão das intenções dos votos no espectro político-ideológico da direita ao centro-direita. A ampliação da base eleitoral de Paulo Maluf em São Paulo, com porcentagens bem próximas ao do líder Fernando Collor também significou outro fator de preocupação para os estrategistas empresariais atentos à pulverização das preferências no universo dos candidatos conservadores. Daí a montagem de um esquema de sustentação baseado na idéia de que era preciso concentrar forças e recursos em torno de um só candidato — no caso, o candidato capaz de vencer as esquerdas no primeiro turno e unir liberais e conservadores no segundo turno, com Fernando Collor na liderança durante toda a campanha, apesar dos pontos perdidos de um mês e meio para cá, por que arriscar em novas aventuras, incertas e divisionistas?

Contendo os radicais

Apesar do temperamento turbulen-

Empresários de São Paulo jogam tudo em Collor

Na avaliação da Fiesp, Collor teria condição para dar continuidade à transição política sem traumas e ao início de um capitalismo moderno, evitando o avanço da esquerda radical

to e das recaídas populistas, o ex-governador de Alagoas já provou, ao longo de pelo menos sete intensos meses de contatos com políticos e empresários conservadores que está preparado para entender as preocupações dos representantes do capital e representar uma barreira ao avanço dos radicais da esquerda tanto nas ruas como no Congresso Nacional. Por esse raciocínio, tipicamente identificado com a linha das discussões que se vem fazendo nesta campanha no âmbito da Fiesp, o novo presidente da República, na figura de Fernando Collor de Mello, exerceria influência fundamental na renovação dos cargos parlamentares na eleição do ano

que vem, de crucial importância para o exercício do governo nos quatro anos de mandato restantes da Presidência. Acreditam ainda esses políticos e empresários paulistas que a eleição de um presidente como Collor seria uma "interrupção" nos planos eleitorais da esquerda, notadamente em São Paulo, onde o PT de Lula já se apresenta com quadros capazes de disputar com chances a eleição estadual de 90 e ampliar a bancada federal. Collor, dizem, é capaz de montar uma base parlamentar fiel, a exemplo do que já provou durante dois embates no plenário do Congresso Nacional por ocasião da votação das mudanças propostas na atual lei

eleitoral.

Este esquema de sustentação em marcha, enfim, tem como dados concretos a contribuição financeira e material de empresários da indústria na Capital, donos de grandes empreendimentos imobiliários, empreiteiros conhecidos por sua atuação desde a época do "milagre econômico" e um grande contingente de usineiros e proprietários da florescente agroindústria do interior paulista. Fernando Collor afirma e jura nos palanques que não é o candidato dos poderosos e que com eles não assume qualquer compromisso. Isso só poderá ser comprovado quando ele for governo — se for governo.

